



1/2/2010

Haiti: a narrativa dos sobreviventes



Maria Clara Lucchetti Bingemer

Muito difícil escrever sobre a tragédia do Haiti depois de sobre o tema já haver rolado tanta tinta. Difícil e quase impossível, para quem não esteve lá, não sentiu o pavor de ver o chão dançando macabramente sob os próprios pés. Nem viu desmoronar tudo que se parecia a abrigo em volta de si, sepultando todos ou quase todos os seus entes queridos. Nem sentiu depois de dias e dias de sofrimento terrível, sem alimento e sem água, o desespero de não ter direito sequer aos corpos dos desaparecidos.

Versões há muitas sobre essa tragédia que abalou o início de 2010 e marcou a década que iniciamos com as cores e o sabor da morte e do horror. Algumas pertinentes, outras menos. O delírio ideológico faz com que às vezes corram versões um tanto absurdas sobre a origem do terremoto. Ou inventa explicações pseudo-religiosas, com matizes milenaristas e/ou apocalípticos de fim do mundo para explicar o inexplicável diante do qual apenas o silêncio compassivo é linguagem adequada.

No entanto, apesar da dificuldade, encaro o desafio de escrever um texto mais. Melhor: de aceitar ser escriba dos verdadeiros narradores sobre o que se passa no Haiti, aqueles cuja fala é feita de olhares esgazeados, rostos empoeirados e feridos, corpos emagrecidos e maltratados. Essas pessoas de idades várias e diferentes situações nos contam uma história que me parece mais importante do que as elucubrações ideológicas e as teorias da conspiração. A história da vida e sua força e teimosia.

No dia 18 de janeiro, portanto uma semana após o terremoto, uma mulher de 62 anos, a alemã Nadine Cardos-Rield, de 62 anos, foi localizada e resgatada após enviar um SMS pelo celular. Estava desidratada, mas ilesa. No dia seguinte, 19 de janeiro, uma haitiana septuagenária, Anna Zizi, saiu viva dos escombros da catedral de Porto Príncipe graças a bombeiros mexicanos que conseguiram dar-lhe água através de um tubo antes de proceder, com sucesso, a seu resgate.

Da ancianidade, passamos a mais tenra infância. No dia 20 de janeiro, após sete dias sem comer nem beber, não apenas porque era impossível encontrar alimento e água ali onde estava, mas porque mesmo que os tivesse ao alcance da mão, não poderia a eles recorrer, foi a vez de Elisabeth, um bebê de apenas 23 dias, ser resgatada do lugar onde estava, sob os escombros de sua casa, por voluntários franceses, alertados por sua mãe em desespero. Dois dias depois, Maria Carida Roman, uma mulher de 84 anos, saiu com vida, resgatada por amigos das ruínas da própria casa.

Os sobreviventes que tanto resistiram à morte, abrindo brechas para a vida ali onde esta pareceria humanamente impossível pertenciam às categorias mais indefesas e desprotegidas da humanidade. Eram em sua maioria mulheres, idosas ou bebês. As forças que lhes faltavam foram cobertas e compensadas por sua vontade de viver que resistiu e terminou por emergir, fraca e combatida da provisória sepultura onde a tragédia os havia depositado.

O record, no entanto, até agora, pertence a uma adolescente de 16 anos: Darlene Etienne, encontrada viva em Porto Príncipe, capital do Haiti, a 27 de janeiro, portanto 15 dias após o terremoto. Resgatada por vizinhos e voluntários franceses, a jovem estava em estado de desidratação extrema. Talvez tivesse tido acesso a iogurte e legumes amassados. Ou teria sobrevivido bebendo água de uma torneira que se encontrava no banheiro de sua casa, onde jazia soterrada há duas semanas, desafiando todas as probabilidades e previsões.

A equipe médica que cuida de Darlene não explica o acontecido que desafia a ciência e a biologia. A juventude da menina certamente desempenhou papel importante em sua sobrevivência. Um dos voluntários que a resgatou relatou que a única coisa que ela conseguiu dizer foi “Obrigada”. Tal como os outros, as outras sobreviventes, Darlene é uma narradora – testemunha de que a vida é

um dom frágil e ameaçado. E a qualquer momento pode ser varrida por ciclones, inundações, tsunamis, abalos sísmicos de toda espécie.

Em meio ao horror da tragédia, no entanto, o rosto de Darlene e dos outros improváveis sobreviventes, nos diz que, para além de sua fragilidade, a vida é santa, pois encontra sua fonte ali onde ciência e probabilidades não alcançam. Como tal, deve ser cuidada antes que as tragédias aconteçam. Oxalá a narrativa destas testemunhas que voltaram da morte nos ajude a construir não apenas para o Haiti, mas para todas as regiões do planeta onde a injustiça tem feito à vontade seu devastador trabalho, um futuro mais digno.



imprimir

Fechar